

O DESPERTAR DO SILÊNCIO PARA A VERDADEIRA BELEZA: REPRESENTAÇÕES SURDAS EM PRODUÇÕES EDITORIAIS

Janete Inês Müller - UFRGS¹
Lodenir Becker Karnopp - UFRGS²

*Tornei-me, por minhas atitudes, uma referência surda, mas não muda. [...]
Que fale bem alto a voz do meu inconformismo.*
(VIDAL, 2009, p. 134)

‘Dispor da voz para falar em tom bem alto’, posicionamento empregado pela escritora Vanessa Vidal em seu livro, pode parecer estranho ao leitor, já que a condição física da autora surda impediria o uso da voz para falar bem alto acerca de seu inconformismo. Entretanto, ser surdo não significa ser mudo! Nota-se, assim, a busca pela constituição de representações que emergem das culturas surdas, ou seja, de um modo surdo de expressar-se e de interpretar o mundo, considerando sentimentos, vínculos, emoções, conceitos, ideias. Tornar-se uma ‘referência surda’ possibilita também discutir o poder conferido em um espaço discursivo passível de produção e de partilha de significados, os quais, por sua vez, são legitimados por atitudes consideradas referenciais para outros sujeitos surdos.

Os significados são produzidos e compartilhados constantemente pela linguagem nas interações pessoais e sociais, pela variedade de meios (como os tecnológicos, por exemplo), quando nos apropriamos das ‘coisas’, quando tecemos narrativas. O significado é construído pelo trabalho da representação e surge em relação aos diferentes momentos ou práticas do circuito da cultura – “na construção da identidade, na delimitação da diferença, na produção e consumo, bem como na regulação das condutas sociais” (HALL, 1997, p. 4). Se representar é produzir significados através da linguagem, importa problematizar esses processos nas produções culturais surdas, que constituem a materialidade desta pesquisa.

Nesta esteira de pensamento, este trabalho discute dados de uma investigação desenvolvida por MÜLLER (2012), na dissertação de Mestrado, cujo objetivo foi problematizar a constituição de representações em produções editoriais de surdos, que circulam em português escrito, destinadas ao público juvenil e adulto. Vinculada campo dos

¹ Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutoranda em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Professora do Departamento de Estudos Especializados do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, bolsista Produtividade em Pesquisa 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PQ-CNPq - Processo 313999/2009-0).

Estudos Culturais em Educação, mais precisamente aos Estudos Surdos, esta pesquisa integra as investigações desenvolvidas no projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira, que é desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)³.

Situado o trabalho, apresentam-se as dez obras que constituem este *corpus* empírico: *O Som das palavras*: antologia literária, com produções de vários surdos; *No meu silêncio ouvi e vivi*, de Olindina Coelho Possídio; *O Voo da Gaivota*, de Emmanuelle Laborit; *Despertar do Silêncio*, de Shirley Vilhalva; *Como é ser surdo*, de Vera Strnadová; *A juventude, o carnaval e o Rio de Janeiro*, de Celso Badin; *Mãos ao vento*, de Sylvia Lia Grespan Neves; *Meus Sentimentos em Folhas*, de Ronise Oliveira; *Bela do silêncio*, de Brenda Costa; e *A verdadeira beleza*: uma história de superação, de Vanessa Vidal. Com exceção das obras da francesa Emmanuelle Laborit e da theca Vera Strnadová, que circulam no Brasil a partir de edições traduzidas, respectivamente da modalidade escrita do francês e theco para o português, as demais produções são de surdos brasileiros. Nas obras analisadas, a escrita em segunda língua é desenvolvida pela autoria, escrita colaborativa, ou pela tradução de Libras para português.

A análise dessas obras (autobiografias, poemas, crônicas e romances) possibilita notar uma conversão significativa no processo de representação surda: na tentativa de desconstruir estereótipos atribuídos aos surdos, os autores dos livros buscam a autorrepresentação positiva, legitimada através dos exemplos próprios de vida. É como se o ‘despertar do silêncio’ pudesse favorecer a denúncia de estereótipos e conduzir o surdo ao sucesso, à ‘verdadeira beleza’, através de ‘uma história de superação’. E, para sustentar essas afirmações, é imprescindível invadir os territórios da materialidade discursiva.

O despertar do silêncio: denúncia dos estereótipos

Os domínios discursivos centrais das obras em análise estão relacionados ao ser surdo, às suas vivências e aos seus posicionamentos, vinculados às suas práticas culturais em seus espaços e tempos. A temática principal das obras vincula-se ao relato da experiência surda, a partir de narrativas da infância, da adolescência e da vida adulta, em que se consideram as

³ Projeto de pesquisa desenvolvido com o auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Ministério da Cultura (CAPES/MinC), Edital Pró-Cultura nº 07/2008, no período de 2010 a 2012.

trajetórias pessoais, que contemplam práticas de interação social dos surdos em família, na escola e no mercado de trabalho.

Na maioria das obras, nota-se a recorrência das denúncias, das queixas, das descrições de vivências, que oscilam entre um mundo de silêncio e de solidão e a tentativa de transpô-lo através de outras maneiras de expressão. Juntam-se a isso os sentimentos de tristeza, de revolta e de resistência a práticas dominantes. Nesse sentido, os autores surdos descrevem dúvidas, sentimentos, fracassos e vitórias, mostrando que, através de lutas, é possível reagir diante do preconceito e das dificuldades, superar obstáculos e alcançar o sucesso e a felicidade.

Além disso, as representações discutidas nas produções editoriais de surdos estão relacionadas à comunicação, ou melhor, às dificuldades ocasionadas pela falta de uma língua em comum no relacionamento com ouvintes em família, com amigos e na escola, principalmente até a vida adulta ou até o período em que se identificam com outros surdos através da língua de sinais. O excerto abaixo evidencia o caráter de denúncia da tristeza, da solidão e da não-comunicação, ou seja, denuncia o ‘mundo do silêncio’:

Vivia no silêncio porque não me comunicava. É esse o verdadeiro silêncio? A negritude completa do incomunicável? Para mim, o mundo inteiro era negro silêncio, a não ser por meus pais, sobretudo minha mãe (p. 19) [...] Via meu pai triste, e mamãe também. Sentia-me verdadeiramente triste, e queria que meus pais sorrissem, que fossem felizes, queria lhes dar felicidade (p. 25) [...] Quase sempre ficava solitária, entediava-me em um mundo que falava em torno de mim. Às vezes, irritava-me por não compreender. Parecia-me que os outros não faziam muitos esforços para se comunicarem, fora meus pais... (p. 58). [...] Não gostava das professoras daquela classe chamada ‘de integração’, na escola. Elas queriam me fazer semelhante às crianças ouvintes. [...] Com elas, tinha o sentimento de que era preciso esconder que se é surdo, imitar os outros como pequenos robôs, mesmo quando não compreendia a metade daquilo que era dito em classe (p. 60) [...] O tédio, o tédio profundo, me invade, o deserto da exclusão (p. 72) (LABORIT, 1994).

O mundo da falta de comunicação, da não-interação com outros e da exclusão são também descritos em outras obras, sendo realçados inclusive em alguns títulos de produções editoriais. Brenda Costa posiciona-se como a *bela do silêncio*; Shirley Vilhalva aborda o *despertar do silêncio* em sua vida; na antologia literária apresentam-se outras maneiras de comunicação, principalmente o uso das mãos, que possibilitariam, de forma compensatória, produzir o *som das palavras*. Já na obra *No meu silêncio ouvi e vivi*, a autora, apesar de pouco enfatizar a experiência de criança surda, evidencia como viveu no silêncio e ouviu através de outros sentidos.

Em geral, as produções editoriais surdas estão vinculadas a representações acerca de si e de uma coletividade – no caso deste estudo, das comunidades e culturas surdas –, que, por sua vez, estão atravessadas por diferentes práticas discursivas. Pensar a educação de surdos numa perspectiva antropológica, como uma diferença política, uma experiência visual, como identidades múltiplas e, por vezes, localizadas no ‘discurso da deficiência’, significa romper com os tradicionais paradigmas da educação especial e representações de surdos como deficientes, subalternos, minoritários, dominados, atrelados a modelos exóticos, deficientes, especiais.

Em nome dessa representação, foram praticadas e “se praticam as mais inconcebíveis formas de controle de seus corpos, mentes e linguagem” (SKLIAR, 1999, p. 21). Ainda de acordo com esse pesquisador, as definições sobre ‘os outros’ não se resolvem a partir de termos politicamente corretos, porém através de rupturas na lógica binária das oposições e por meio da desconstrução da suposta ordem natural dos significados, que localizam os surdos em certos discursos e práticas de poder. Por outro lado, cabe salientar que essa lógica binária também se manifesta no discurso surdo, ou seja, nas produções editoriais, os ouvintes – salvo os intérpretes – são posicionados como culpados, dominantes, excludentes, indiferentes etc. Ao discutir as representações, interessa também aprofundar o entendimento acerca dos estereótipos.

Segundo Hall (1997), os estereótipos podem ser entendidos como conjunto de práticas representacionais, que interferem na aceitação da(s) identidade(s), fazendo com que os ‘anormais’ acumulem representações e sejam classificados e entendidos conforme uma norma de violento valor simbólico. Também reduzem o outro a características essencialistas, reducionistas e naturalizantes, que são facilmente mantidas na memória, apreendidas e reconhecidas. Além disso, situam uma estratégia de partição, excluindo o que é diferente e estabelecendo uma fronteira simbólica entre o ‘normal/aceitável’ e o ‘patológico/inaceitável’, constituindo comunidades imaginadas através de oposições binárias, assim como podem ocorrer onde há desigualdades gritantes de poder (direcionados contra grupos subordinados ou excluídos).

Ao discutir as representações que circulam nas obras em análise, também evidenciando a denúncia de estereótipos, observam-se alguns ‘adjetivos caracterizadores’ que emergem das produções culturais surdas, visto que muitos deles eram ‘inventados’ como fontes do mal, sem cultura e sujeitos a estereótipos (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001). De acordo com as obras, os surdos foram representados – e não que isso esteja totalmente ultrapassado – como deficientes, bobos, sofridos, tristes, sós, incompletos, estranhos, fracassados, rejeitados,

estrangeiros, coitadinhos, personagens engraçados, excluídos, discriminados, complicados, revoltados, infelizes, rebeldes, agressivos, desatentos, teimosos, danados, doentes, anormais, loucos, malucos, isolados... Em geral, essa recorrência novamente incide nas narrativas da infância e da adolescência, especialmente na vida familiar e escolar, e também em práticas sociais de exclusão vinculadas à inserção no mercado de trabalho.

O quadro a seguir, constituído de alguns trechos das publicações, sustenta tais afirmações:

Então Louis pegou a concha de Pitty e jogou-a no mar mais longe. Jonhys colocou a mão no ombro de Louis e riram muito. Pitty não gostou e mergulhou no mar procurando a concha. Eles continuaram rindo, porque sabiam que Pitty era surdo e bobo (BADIN, 2001, p. 18).

Mais tarde, minha mãe me contou que passou os seis ou sete primeiros anos da minha vida respondendo a uma única pergunta: “Mas por que sua filha grita assim?” [...] Ela permanecia forte e digna, mesmo quando diziam: “Sua filha é mesmo uma chata”, insulto que a devastava completamente. [...] Algumas crianças tinham medo de mim. Outras, ao contrário, fascinadas com meus saltos, pulos, berros, reações intempestivas e desproporcionais, procuravam minha companhia, como se fosse um personagem meio maluco de um desenho na animado (p. 35). [...] Todo mundo me olhava como se eu fosse uma pobre louca. Eu me sentia completamente ridícula e principalmente furiosa por me tratarem com tão pouco respeito. (p. 155) [...] Algumas garotas me olharam como um bicho estranho, outras me ignoraram, algumas me dirigiram um sorriso tímido (p. 163) (COSTA, 2008).

Após o primeiro mês de aula, a ‘mestra’ chamou minha mãe e falou que eu era uma criança muito complicada. [...] Ratificava a reclamação: eu era muito danada, desatenta, teimosa (p. 33-34) [...] Ficava furiosa porque todos, ao me verem descontrolada, me chamavam de louca (p. 41) [...] Esse tipo de coisa me deixava muito mais infeliz, deprimida (p. 47) (VIDAL, 2009).

Na obra de Emanuelle Laborit, o apelido a ela atribuído é utilizado no título de sua produção, e essa representação é problematizada no livro; isto é, se ‘gaivota’ representava uma criança que gritava porque queria ouvir seus sons, posteriormente, ela alça voos de sucesso, como se observa até no título da produção. Além disso, a autora denuncia o silêncio, o medo, a ausência, a solidão, a diferença, manifestando sua revolta e resistência à imposição da cultura ouvinte, principalmente pela constituição de estereótipos, como a excepcionalidade, por exemplo, e pela tentativa de apagamento de sua identidade surda.

Ao denunciar essas práticas normalizadoras, principalmente as escolares, a autora Vanessa Vidal, por exemplo, busca compensar a ‘falta de audição’ através da sua beleza, simpatia, simplicidade, que lhe possibilitam alcançar o sucesso de forma menos tortuosa. Se não bastasse isso, destaca que a inteligência, a perseverança e a vontade de superar as

dificuldades atenuam a diferença, como se todo surdo fosse ‘capaz de ser normal’, dependendo, é claro, do seu desempenho individual.

Nessa perspectiva, na maioria das obras aqui analisadas, são recorrentes os discursos que tentam legitimar a capacidade dos surdos, que, ao final das produções editoriais, estão vivendo felizes, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo da vida.

A verdadeira beleza: capacidade de superação e o sucesso dos sujeitos surdos

A denúncia de estereótipos atribuídos aos surdos, considerando a narrativa da experiência de si em publicações, traduz, de certa forma, as dificuldades pelas quais passaram esses sujeitos ‘diferentes’, ou seja, autorrepresentam-se como membros de grupos culturais tradicionalmente posicionados às margens, que tensionam as relações de poder e as práticas de representação. Como, então, entender que esses mesmos sujeitos podem tornar-se bem-sucedidos? Um caminho provável se processa pela capacidade de superação dessas dificuldades, o que possibilita constituir a representação de sucesso desses produtores culturais.

Ao evidenciar a capacidade de superação e o sucesso alcançado pelos sujeitos como marcadores culturais das produções editoriais surdas que circulam em português escrito, percebe-se, novamente, a potencialidade discursiva na conversão de representações, ou seja, da posição de vítima, o vilão da adolescência passa a ser herói na fase adulta da narrativa. De ‘impotente e coitadinho’, assume o papel de desestruturador e se posiciona como sujeito que supera todos os obstáculos, ultrapassa todas as barreiras, corporifica o bem e se torna o melhor.

Para comprovar essa proposição, exemplifico a partir da obra *Despertar do Silêncio*. Após dificuldades enfrentadas na escola e na Universidade, a autora busca, após a maternidade, seguir a carreira de professora. Para isso, vence metas e barreiras para realizar um sonho: encontrar uma escola de surdos, onde havia pessoas ‘iguais’ a ela. Também se torna a primeira diretora surda de uma escola pública no estado do Mato Grosso do Sul. O sonho da autora surda Olindina Possídio também é realizado, ou seja, depois de muitas lutas e forças mobilizadas, inclusive pela família, a fim de ingressar na Universidade, ela concluiu o curso de graduação. Celso Badin realiza-se com a possibilidade de escrever um livro; Brenda Costa e Vanessa Vidal tornam-se modelos famosas... Enfim, as produções culturais surdas aqui analisadas aproximam-se do que convencionamos denominar de ‘final feliz’.

A coletânea de excertos abaixo possibilita perceber que os autores surdos, aqui também entendidos na perspectiva da diferença, narram sua trajetória de vida como um processo constante e intenso de vencer barreiras, que culmina com a realização do sonho e a sua exibição em um cenário cultural. Não que isso seja perceptível apenas nas obras que constituem o *corpus* empírico desta pesquisa; pelo contrário, em tempos de identidades flutuantes, transitórias e heterogêneas, partilhar uma narrativa de vida bem-sucedida atrai leitores, que, conseqüente, movimentam o mercado editorial. Por vezes, essa representação se constitui pelos textos de apresentação das obras, isto é, embora a intencionalidade não seja expressa pelo autor surdo, faz parte da obra e, portanto, conduz o leitor, como é possível notar pelo fragmento inicial do quadro a seguir:

A obra foi escrita por Celso Badin, um jovem surdo que tentando mostrar que suas dificuldades podem ser superadas e demonstrar que surdos e ouvintes podem se comunicar e se relacionar sem medos ou preconceitos (XAVIER, in: BADIN, 2001, p. 11).

Vencendo barreiras, a maior delas era a minha autoaceitação, passei a conviver com os outros surdos aceitando com mais facilidade a minha necessidade de fazer uso da Língua de Sinais... [...] Com uma meta vencida, um sonho realizado, de encontrar uma escola de surdos, realmente onde havia pessoas iguais a mim. No início atuei como voluntária depois fui convocada pelo Estado, atuei como Palestrante para pais e profissionais, principalmente relatando experiência em Congressos e Encontros Nacionais e Internacionais, fui regente do Coral do CEADA, onde as músicas são ilustradas com os sinais da Língua de Sinais, também assessoriei algumas cidades do Estado de Mato Grosso. Como primeira diretora surda do estado de Mato Grosso do Sul em escola Pública representei a Comunidade surda a nível estadual e nacional. [...] Apresentei projetos que beneficiavam o surdo no Ensino Regular com apoio de Intérprete. [...] Muitos professores foram mudando conforme seu entendimento, outros estão muito longe de entender a pessoa surda. [...] Em 31 de outubro de 2000 fui convidada para cerimônia de conclusão do Projeto “O MESTRE QUE MARCOU MINHA VIDA” no auditório da FIEMS. [...] A metodologia utilizada para escolha foi homenagear personalidades e instituições que contribuíram para mudar o rumo da história de Campo Grande pela via educacional (VILHALVA, 2004, p. 59-64).

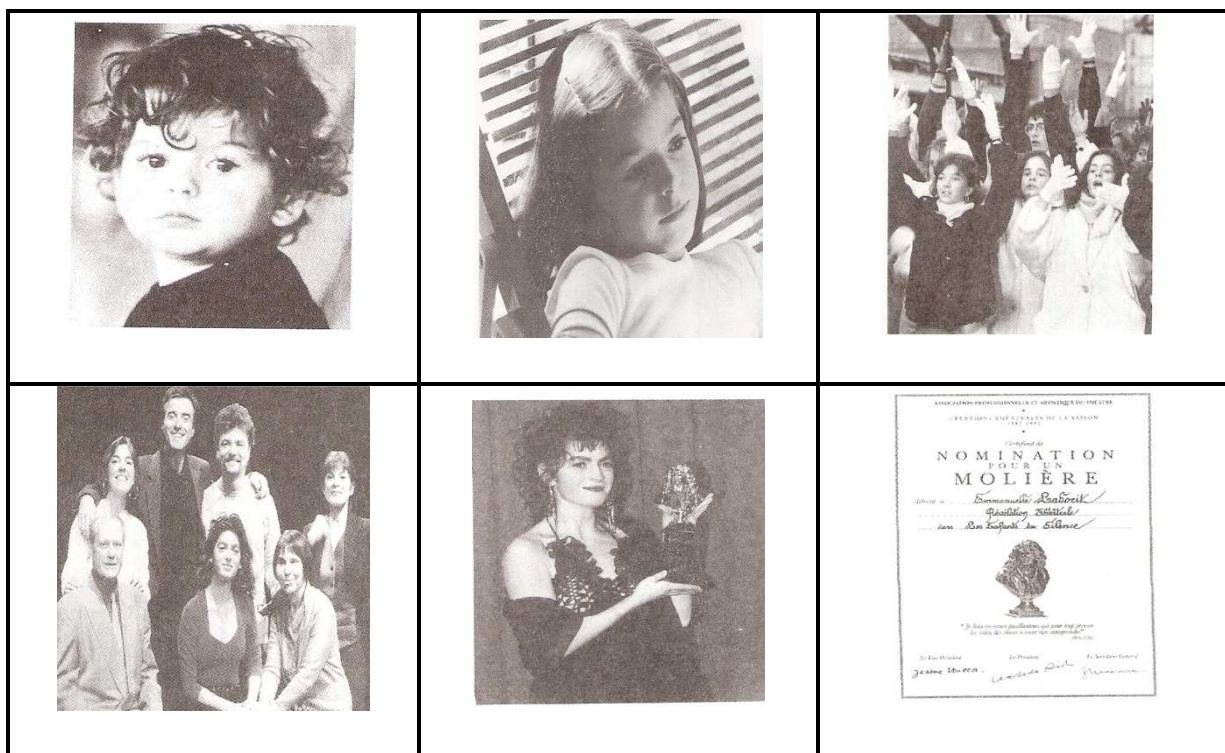
Sou amada e querida. Isso mais me importa. [...] / Por isso, procuro olhar para o horizonte e enfrentar todos os obstáculos da vida do que viver na agonia da maldade./ Só quero que saibam que Deus está comigo e que sou uma simples vencedora (OLIVEIRA, 2005, p. 62).

Finalmente, chegou o grande dia, o dia especial, a data da minha formatura, que se realizou no dia 21 de dezembro. Foi um sonho realizado para mim e minha família que lutou de todas as suas forças para que eu conquistasse esse sonho (POSSÍDIO, 2005, p. 63).

Cabe acrescentar que no reconhecimento da diferença e na constituição da representação de sucesso do sujeito surdo também se atenua a surdez, ou seja, ‘o problema poderia ser pior’; assim como essa diferença é compensada com outras características qualificativas, isto é, ‘mesmo que seja surdo’, é bonito, pode ser professor, modelo, escritor

(AMARAL, 1998, p. 20). Vanessa Vidal e Brenda Costa, mesmo que exponham as dificuldades pelas quais passaram para alcançar o reconhecimento pelo trabalho nas passarelas, elas legitimam um discurso em que ‘apesar de serem surdas’, a beleza compensa a ‘deficiência’. E isso, aliado à importância da luta, possibilita superar barreiras da vida, incentivando outros surdos a reivindicarem também. Nessa lógica, quem luta alcança; quem alcança lidera movimentos e também serve de exemplo, de modelo, ou melhor, de norma a ser seguida. E essa norma, que circula no circuito cultural, regula condutas dos sujeitos.

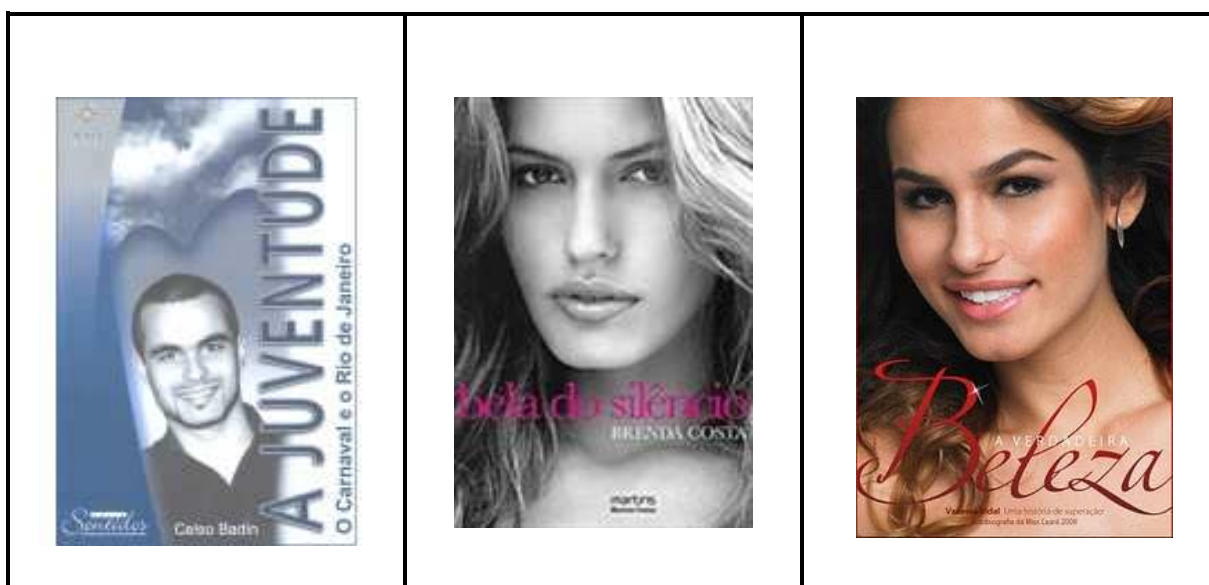
Importa argumentar também através do uso de imagens que circulam nas obras aqui analisadas, pois significam no processo cultural; afinal, através da linguagem, inclusive a imagética, ‘dão-se as cartas da representação’. Conforme o quadro abaixo, formado a partir de fotografias que compõem a produção cultural de Emmanuelle Laborit (1994), percebe-se uma mudança significativa nas etapas de sua constituição identitária, isto é, de uma infância triste e solitária para a militância e, conseqüentemente, para a realização pessoal e profissional no teatro. Aqui a representação do sucesso se dá também a partir da exibição da certificação do prêmio recebido.



Como heróis, os protagonistas dessas produções escritas constroem significados sociais em territórios de produção cultural, ou seja, alguns exercem o poder de narrar e fazer circular suas histórias, suas formas de ver, entender e agir no mundo, que, mesmo não

representando concepções da maioria dos surdos, podem subjetivar coletividades. Nessa perspectiva, incluem-se também as capas das obras (de maior visibilidade no mercado consumidor), que, de acordo com Powers (2008, p. 9-10), são parte integrante das obras e cumprem importante papel cultural no processo de envolvimento físico do comprador com o livro; embora não se possa olhar para a capa enquanto se lê o livro, ela o define como objeto que é apanhado, deixado de lado e talvez conservado ao longo do tempo.

Além disso, cabe não negligenciar as representações constituídas nas imagens escolhidas para as capas, ou seja, o quadro a seguir evidencia a opção por imagens de si que realçam a sensualidade, a juventude e a beleza das modelos e do jornalista surdos.



Importa acrescentar que a beleza é também representada através de imagens que compõem as páginas dos livros, isto é, as autoras surdas partilham de fotos pessoais, tendo em vista o reconhecimento de sua beleza em eventos, trabalhos, no mundo dos famosos, no sucesso alcançado pela aparência física, que merece 'ser exibida' na sociedade do espetáculo. E isso se dá inclusive através do uso de cores e de materiais qualificados na editoração das obras. Além disso, os livros contam com imagens da trajetória de vida dessas autoras, evidenciando a importância da família e dos amigos, que ajudaram a alcançar o 'mundo da fama'.

Na obra do autor Badin (2001) percebe-se o destaque para o seu sucesso enquanto redator e jornalista, visto que é capaz de escrever bem em língua portuguesa. Além disso, considerando que a marca do sucesso é, geralmente, evidenciada no período da juventude, até

porque a produção das obras se dá na fase adulta dos surdos, um fragmento da apresentação de sua produção possibilita reunir características recorrentes no *corpus* empírico desta pesquisa, ou seja, os relatos acerca da adolescência envolvem relacionamentos amorosos, diversão com amigos e perigos da vida, orientando os jovens acerca desses problemas.

A história trata de um romance entre os adolescentes numa fase importante de suas vidas. A juventude envolve, a beleza, ser bem amado, drogas, dinheiro, malandragem, transas, mentiras, vaidade, orgulho, sofrimento, alegria, brigas, brincadeiras, diversões, viagens, fazer amor, rola-rola, namoros, paqueras, fofocas, olhares, sorrisos, e tudo mais (BADIN, 2001, p. 13).

Daí que a experiência de si (que é particular, contingente, singular, relativa), uma elaboração de si mesmo, traduzida em livros, acaba sendo tomada como repetível, como modelo a ser seguido, até porque representa um possível ‘caminho para o sucesso e superação das dificuldades’. O exemplo de vida dos sujeitos surdos que realizam seus sonhos (ser modelo, miss, escritor, professora, mãe ou profissional reconhecido), testemunhados em livros, recorrentes nas produções editoriais surdas, tem papel importante na construção da narrativa da experiência de si, também possibilitando, por isso, a regulação de condutas através da cultura.

Das representações surdas: um processo de conversão significativa

Ao direcionar as ‘lentes’ para as representações em produções editoriais surdas, é possível observar um processo de conversão significativa na constituição das representações surdas: na tentativa de desconstruir estereótipos atribuídos aos surdos, os autores dos livros buscam a autorrepresentação positiva, legitimada através dos exemplos próprios de vida. Em outras palavras, é como se a solidão, o ‘despertar do silêncio’ pudessem conduzir à ‘verdadeira beleza’ e a ‘uma história de superação’, como sinalizam títulos de publicações aqui analisadas, que compõem o título deste trabalho.

Em geral, os textos são marcados pela glorificação, talento, determinação, sensibilidade e saber-poder dos sujeitos autores, que podem subjetivar os leitores a partir da narrativa da experiência de si, veiculada através de uma produção editorial. Logo, o processo de produção e exibição da diferença também merece um olhar analítico para o consumo cultural, já que as trajetórias de vida dos sujeitos tornam-se um espetáculo a ser visto,

principalmente através da produção de autorrepresentações e da exibição de condutas exemplares. Também os paratextos das obras publicadas transmitem a ideia de que esta ‘lição de vida’ deve ser seguida por outros como um modelo, principalmente por surdos.

Nessas práticas discursivas, o consumo das produções aqui analisadas possibilita regulação de condutas por meio do circuito cultural. E isso pode ser evidenciado também nas narrativas que contemplam trajetórias de superação e sucesso de outros sujeitos considerados ‘diferentes’ (deficientes físicos, cegos, negros e outros, que, por alguma razão, escapam dos ‘padrões da normalidade’). Portanto, percebe-se também uma semelhança entre produções editoriais de surdos e de outros grupos minoritários.

Afinal, em tempos de incertezas de e valorização do espírito empreendedorista dos sujeitos, identificar-se com uma experiência de êxito pode também significar bons resultados na vida!!! Assim, ao consumirmos uma narrativa de sucesso, que representa uma ‘lição a ser seguida’, na sociedade da exibição, somos clientes e também mercadorias.

Referências

AMARAL, Lúcia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.) *Diferenças e preconceito na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos Bernardo. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, Stuart. The work of representation. In: Hall, Stuart. (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

MÜLLER, Janete Inês. *Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas*. Porto Alegre, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

SKLIAR, Carlos Bernardo. A invenção e exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da “normalidade”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v. 24, n. 2, p. 15-33, jul./dez. 1999.

Obras analisadas

BADIN, Celso. *A juventude, o carnaval e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Áurea Editora, 2001.

COSTA, Brenda. *Bela do silêncio*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Obra escrita com a colaboração de Judith Carraz.

LABORIT, Emmanuelle. *O voo da gaivota*. Tradução Lelita de Oliveira. São Paulo: Best Seller, 1994. Escrito com a colaboração de Marie-Thérèse Cuny. Tradução Lelita Oliveira.

NEVES, Sylvia Lia Grespan. *Mãos ao vento*. São Paulo: s/editora, 2010.

OLIVEIRA, Ronise. *Meus Sentimentos em Folhas*. Rio de Janeiro: Litteris Editora/KroArt, 2005.

POSSÍDIO, Olindina Coelho. *No meu silêncio ouvi e vivi*. Recife: Editora Novo Horizonte, 2005.

STRNADOVÁ, Vera. *Como é ser surdo*. Tradução Daniela Richter Teixeira. Rio de Janeiro: Babel Editora, 2000.

VIDAL, Vanessa. *A verdadeira beleza: uma história de superação*. Tradução Diná Souza. Fortaleza: s/editora, 2009.

VILHALVA, Shirley. *O despertar do silêncio*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2004.

VILHALVA, Shirley *et all*. *O som das palavras: antologia literária*. Rio de Janeiro: Litteris Editora Ltda, 2003.